

Homoparentalidade e Gênero: de Jacques Lacan à *Manif Pour Tous*¹

Roberto Barberena Graña²

Encontrando-me em Paris durante o mês de fevereiro de 2014, acompanhei de perto as manifestações ruidosas dos pais das crianças cujas escolas não apenas aceitavam matricular crianças filhas de casais homossexuais como introduziam, desde os começos da vida escolar, noções básicas referentes a gênero, diferença e tolerância no ensino e no convívio social entre crianças oriundas de configurações familiares bastante diversas, as quais exibiam educação e atitudes notavelmente diferenciados.

Não deixa de ser paradoxal - e isto não surpreende na medida em que toda vanguarda arrasta consigo uma retaguarda que contraesforça-se maximamente para evitar a mudança - que a França, mãe das de todas as revoluções, a França de Danton, de Robespierre, de Sade, de Sartre, de Bataille, de Althusser, de Lacan, da Nouvelle Vague, do Nouveau Roman, de Daniel Cohn-Bendit e dos protestos estudantis e operários de 68, tenha esboçado de forma tão espetacularmente conservadora a sua oposição a um inevitável rearranjo da ordem familiar que implica intimamente seus valores, princípios e linguagem.

A *Manif pour tous*, convocada para o domingo 9 de fevereiro, ameaçava assumir a forma de um estado natural hobbesiano, de uma carnificina generalizada, tal a virulência manifestada nas sondagens preliminares, reportadas pela mídia, já que em sua convocatória, em seu significante, ela pretendia dar espaço e voz à totalidade dos insatisfeitos. Não obstante, um forte esquema tático de gendarmaria e uma antecipação estratégica dos organismos de segurança teve o poder de torna-la tímida e de evitar os embates que se temia fossem demasiado virulentos.

Na terça-feira da semana que se seguiu à *Manif pour tous* estive reunido com Elisabeth Roudinesco, em seu apartamento na Avenue Denfert-Rochereau, para uma longa e agradável conversa acompanhada de muito chá - durante a qual dávamos forma a uma tese de pós-doutorado e ao programa desta jornada - quando ela me alcançou a matéria que havia publicado no *Libération* no dia anterior, além de uma cópia de DVD do documentário que a

¹ Intervenção em painel sobre O futuro da família, na IX Jornada Bianaual do Instituto Contemporâneo, 04 de dez. de 2014.

² Psicanalista, doutor em letras pela UFRGS, membro titular e docente na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e no Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinaridade.

Artigos

TV francesa havia produzido em 2013, dentro da série *Empreintes*, com o título de Elisabeth Roudinesco: livre e engajada.

Sobre aquilo que o documentário nos mostra de sua pessoa, mais além da pesquisadora, escritora e conferencista de brilho e prestígio internacional que todos começamos a conhecer em meados dos anos 80, eu já me detive na nossa mesa de abertura. Ora me ocuparei da matéria que veio a luz na imprensa com o cabeçalho: *Notre identité est bien triple: biologique, psychique, sociale* em cotejo com o último capítulo de seu livro *La famille en désordre*, de 2002.

Elisabeth entendia, então, que estas manifestações eram sintomas de outra coisa, de uma crescente insegurança social e de uma crise econômica que se generaliza, ameaçando com a perda da soberania em diferentes níveis e fazendo aparecerem os mesmos bodes expiatórios, ou “os suspeitos de sempre”: os judeus, os estrangeiros, os homossexuais. Em cada época de crise os argumentos parecem ser recorrentes: a família está morrendo, a nação está sendo desrespeitada, a indiferenciação sexual ameaça, o aborto se generaliza, as crianças deixarão de nascer.

Como um dos argumentos mais contundentes dos líderes da *Manif* referia-se à necessidade das crianças terem pai e mãe de sexo distinto, em oposição, portanto à adoção por casais homossexuais, Elisabeth sustentava frente a isto que é justamente nas famílias aparentemente mais normais que aparecem também as maiores indignidades; no que obviamente estaremos de acordo com ela. Citando Victor Hugo, Elisabeth afirmava que a infelicidade maior de uma criança é a miséria econômica. O que destrói uma família é antes de tudo o desemprego, a pobreza, o alcoolismo, a violência, as desigualdades. A outra necessidade fundamental de uma criança é o apego afetivo e pessoal a um ser que costuma ser a mãe, mas que pode ser assegurado por outra pessoa que ame e adote esta criança o mais cedo possível. Este laço amoroso é o que fundamentalmente permitirá a estruturação psíquica do sujeito humano.

Por aí introduz-se a discussão sobre a noção de gênero, a distinção sexo-gênero, e a forma como este pode ser afetado pela configuração familiar.

Havendo investigado de maneira informal, e sem metodologia de pesquisa, os transtornos da identidade de gênero na infância por quinze anos, cotejando a minha

Artigos

experiência de psicanalista de crianças com a de dezenas de alunos e supervisionandos, pudemos, em torno de 70% dos casos, confirmar *grosso modo* a fórmula Stolleriana que condiciona a gênese dessas perturbações (dizemos perturbações porque o TIG apresenta efetivamente uma característica pervasiva, afetando o desenvolvimento em diferentes níveis e implicando comorbidades): muita mãe x pouco pai.

A linguagem de Stoller, o maior estudioso do gênero em psicanálise no século XX, é entretanto demasiado realista/naturalista. De fato observa-se, na maior parte dos casos, esse desequilíbrio no nível das introyecções primordiais constitutivas dos padrões de gênero e na qualidade e investimento afetivo das relações iniciais. Mas os pais distantes, assim como as mães muito próximas, não são em sua maioria homossexuais. Os pais podem ser imaturos, fóbicos, esquizóides, paranoicos, violentos, e as mães frequentemente infantis, histéricas, *borderlines* ou melancólicas, sendo que eventualmente encontramos também casais onde ambos os cônjuges, em princípio heterossexuais, eram bissexuais, ou mesmo homossexuais com relações paralelas ao casamento. Mas isto estava longe de ser a regra. Voltamos então à fórmula de Stoller e nos indagamos o que de fato operava e determinava a orientação de gênero nas crianças, já que, como sabemos, não dispomos ainda de qualquer estudo sério que demonstre uma determinação genética para o transexualismo, ou mesmo para a homossexualidade, conforme se pode confirmar consultando os cinco últimos anos do PUB MED, que parece afastar-se cada vez mais do estudo das causas para ocupar-se de bem encaminhar as consequências, terapêuticamente, seja qual for a forma e o fim dos diferentes tratamentos.

Obviamente a teoria do significante de Jacques Lacan, este grande metaforizador de Sigmund Freud, é de valor inestimável para a sondagem clínica das circunstâncias em que tais desfigurações precoces de *self* e gênero tem lugar (tenha-se presente que nos referimos aqui a crianças com demanda transexual precoce, os pré-transexuais de Stoller, como a que está notavelmente caracterizada no filme *Ma vie em rose*, de Alain Berliner, lançado em 1997, ou no exemplo que a sociedade do espetáculo hoje nos proporciona com a progressiva transformação de uma loura menininha de ar angelical, e filha de dois protótipos da American Beauty hollywoodiana, em um garoto púbere desengonçado e orgulhoso de sua virilidade transgênero emergente, a qual parece deleitar a família).

Lacan foi um dos primeiros analistas a receber sem preconceitos e sem reservas

Artigos

analisando homossexuais. Todos sabemos que estes podem analisar-se tanto quanto os pacientes heterossexuais. Se forem neuróticos ambos se beneficiarão com a análise, diversamente de se forem psicóticos ou perversos. Mas aí homo e heterossexuais não se distinguem. Da mesma forma, Lacan não tinha dúvidas de que uma pendência psicótica compunha o quadro clínico do transexualismo, e dizia que Stoller estaria mais apto a penetrar na estrutura destas condições clínicas se estivesse familiarizado com a forclusão lacaniana. Um notável ensaio sobre o transexualismo escrito por Catherine Millot, *Horsexe*, endossa essa afirmação lacaniana e dá-lhe substancialidade teórico-argumentativa nos anos oitenta.

Mas o que Lacan nos demonstrou é que o que assegura a subjetivação do sujeito humano é originalmente a sua alienação no Outro, que primeiramente o acolhe, ama e cuida, e sua posterior separação deste Outro pela ação de um outro Outro. Tenha-se atenção para o fato, porém, de que Lacan não está aqui referindo-se apenas ao outro que opera no real tornando viável a existência do neonato humano marcado pela fetalização. O Outro dos começos é tão real, quanto imaginário e simbólico. E quando Lacan se refere ao que chamou “significante macho primordial” aponta para um indicador decisivo da presença do terceiro na circularidade deleitante da qual originariamente gozam o sujeito e seu *care-taker*, para utilizar uma expressão winnicottiana.

Observe-se, porém, que aqui estamos falando de funções, de marcas, de impressões semiótico-linguajeras que indicam originariamente as vias primitivas da subjetivação. De modo que o Nome-do-Pai não implica necessariamente a ação de um homem, embora abra o caminho para que, posteriormente, um homem possa ser efetivamente encontrado e reconhecido como tal no mundo, na realidade compartilhada. É isto o que os filhos dos casais homossexuais têm corroborado em seus depoimentos e comportamentos na medida em que não necessariamente se tornam homossexuais. Se os significantes emblemáticos do gênero estão presentes e operam na constelação inicial dos significantes aportados ao bebê - os elementos masculinos e femininos de que nos fala Winnicott - esta distinção estará facilitada e possibilitará, posteriormente, a diferenciação e a filiação do sujeito a qualquer das duas categorias do gênero: masculino ou feminino. Mas veja-se que, se estas condições iniciais estiverem estabelecidas, encontramos-nos já a salvo da psicose, ou das estruturações psicóticas, das quais o transexualismo é uma forma de manifestação.

Que os sujeitos se tornem, a partir disso, hetero ou homossexuais adultos é uma outra

Artigos

questão; de fato uma questão menor. Será preciso admitir entretanto, como afirma Elisabeth Roudinesco, concluindo seu livro com um capítulo em que cogita sobre a família do futuro, “que os filhos de pais homossexuais carregam, como outros, mais muito mais que os outros, o traço singular de um destino difícil. E será preciso admitir também que os pais homossexuais são diferentes dos outros pais.(...) E não é obrigando-se a serem ‘normais’ que os homossexuais conseguirão provar sua aptidão a criar seus filhos. Pois, ao buscarem convencer aqueles que os cercam de que seus filhos nunca se tornarão homossexuais, eles se arriscam a lhes dar, de si próprios, uma imagem desastrosa”.

Melhor será, portanto, que eles apenas se deixem conhecer, e permitam a seus filhos, se forem capazes de amá-los (pois os pais e mães nem sempre o são), que operem sínteses passivas e ativas - na acepção deleuziana destes conceitos - engendrando os próprios movimentos de subjetivação; sem constrangê-los, atemorizados, se eles eventualmente se inclinarem também para a homossexualidade, uma vez que estão ainda submetidos ao risco de agir sob efeito da projeção, sobre a vida dos filhos, do sofrimento passado e pessoal cujo tributo o futuro sempre poderá cobrar.